

**Efeitos de sentidos nas charges:
Uma análise dos jornais piauienses O Dia e Meio Norte¹**

Thiago Ramos de MELO²

Francisco Laerte Juvêncio MAGALHÃES³

RESUMO

Este artigo busca analisar como os jornais piauienses O Dia e Meio Norte constroem, em suas charges, a imagem dos candidatos Sílvio Mendes e Wilson Martins nas eleições de governador do estado do Piauí em 2010. Enquanto discurso, a charge é construída na relação com o contexto sócio-histórico, aproveitando de frases feitas, imagens, expressões estereotipadas e, com humor, produzir sentidos. Adotamos a Análise de Discurso (AD) como instrumental metodológico, compreendendo que os fenômenos de produção de sentidos são construídos através dos discursos nos processos de interação social. Deste modo, trabalharemos os conceitos proposto por Pinto (1994, 1999) sob a forma de postulados teóricos: Heterogeneidade Enunciativa, Economia Política do Significante e Semiose Infinita.

Palavras-chave: Charges. Discursos. Sentidos.

Introdução

Neste trabalho pretendemos analisar como os jornais piauienses O Dia e Meio Norte constroem, em suas charges, a imagem dos candidatos Sílvio Mendes e Wilson Martins nas eleições de governador do Piauí em 2010. Mais do que uma simples ilustração, a charge é uma crítica político-social que expressa graficamente a visão do artista sobre determinadas situações cotidianas.

Quando utilizada em jornais, a charge constitui-se como um gênero jornalístico opinativo que tem por finalidade criticar, por meio do humor, acontecimentos de

¹ Este artigo é resultado da pesquisa desenvolvido enquanto bolsista Pibic/CNPq pela Universidade Federal do Piauí como parte do projeto “Discurso, mídia e política: características, transitividades e intersubjetividades” sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Laerte Juvêncio Magalhães, durante o período de 2011/2012.

² Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Participa, ainda, como aluno-pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estratégias da Comunicação da Universidade Federal do Piauí – NEPEC/PI. Email: thiago.rmelo09@hotmail.com

³ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Piauí – DCS/UFPI. Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estratégias da Comunicação da Universidade Federal do Piauí – NEPEC/PI. Email: flaerte@msn.com

atualidade, satirizando personagens envolvidas em tais acontecimentos. Considerando que seu discurso é construído na sua relação com o contexto sócio-histórico, aproveitando de frases feitas, imagens e expressões estereotipadas para provocar o riso e produzir sentido, fazemos os seguintes questionamentos: de que modo as charges dos jornais constroem os seus dizeres? Como são construídos os sentidos da candidatura e da imagem dos candidatos apresentados? Qual cadeia dialógica se estabelece e como a heterogeneidade se manifesta nos casos estudados?

Considerando isso, adotamos a Análise de Discurso (AD), visto que a linguagem enquanto discurso não é neutra, ao contrário, está povoada de intenções. Entendemos aqui, tal qual Pinto (1994, 1999), os fenômenos sociais como fenômenos de produção de sentido. Desta forma, buscamos entender os sentidos que são construídos através dos discursos nos processos de interação social. Autores como Authier-Revuz (1990, 1999), Flôres (2002), Magalhães (2003), Orlandi (1999), Verón (2004), entres outros, mostram-se fundamentais na composição nosso instrumental de análise.

Quanto à estrutura, num primeiro momento, apresentamos alguns dos conceitos propostos por Pinto (1994, 1999) sob a forma de postulados teóricos: Heterogeneidade Enunciativa, Economia Política do Significante e Semiose Infinita. Os conceitos apresentados nos auxiliarão na compreensão do processo de constituição dos sentidos nas charges estudadas.

Por fim, aplicamos os conceitos trabalhados na análise de seis (06) charges escolhidas dentre os exemplares dos jornais O Dia e Meio Norte, referentes ao período do nosso recorte, que se estendeu de Junho a Novembro de 2010. No mesmo capítulo, apontamos ainda nossas inferências, tendo em vista a forma como se dão as relações que se estabelecem, ressemantizam e dialogam na superfície discursiva das charges.

Postulado Da Heterogeneidade Enunciativa

Pinto (1999) afirma que é uma “consequência desastrosa” para a análise de discurso a aceitação do postulado da unicidade do sujeito – que afirma que o único responsável por todas as representações verbais e não verbais presentes num determinado objeto significante é o sujeito reconhecido como autor empírico. Para ele, “não só não somos inteiramente responsáveis pelas representações que acreditamos

fazer no texto, como também nem sequer somos os únicos responsáveis pelas representações que ali aparecem”. (PINTO, 1999. p. 30).

Ainda segundo o autor, para a análise de discurso, todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, “no sentido que ela é sempre um tecido de ‘vozes’ ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vinda de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado” (PINTO, 1999. p. 31). Nesse sentido, todo discurso é composto por várias vozes as quais o locutor não tem total consciência ou controle, e que se manifestam no ato enunciativo.

Essa característica discursiva é o que, cita Araújo (2000), Bakhtin denominou de polifonia. Segundo o qual “cada fala, cada enunciação, é palco de expressão de uma multiplicidade de vozes, algumas arregimentadas intencionalmente pelo locutor e outras das quais ele não se dá conta” (ARAÚJO, 2000, p.124). Com base na concepção polifônica da linguagem formulada por Bakhtin, Jacqueline Authier-Revuz (1990) formula sua teoria sobre as heterogeneidades enunciativas, a constitutiva e a mostrada. Embora residam em planos distintos, essas duas concepções intercalam-se e completam-se em determinados momentos.

A heterogeneidade constitutiva é formada pelas várias citações vindas de outros textos pré-existentes, remetendo às vozes implícitas no discurso. Ela não se manifesta no fio discursivo através de marcas linguísticas. Aqui, o sujeito, não mais autônomo, transforma-se numa instância de mediação de vozes transcendentais e anteriores ao discurso do falante, segundo restrições histórico-culturais que escapam do controle racional do autor empírico do texto. Segundo Authier-Revuz (1999), nesse plano da heterogeneidade o dialogismo trabalha em dois níveis:

Por um lado, nenhuma palavra é virgem, mas, ao contrário, carregada, habitada pelos discursos “em que tenha vivido sua vida de palavra”, e a lei de todo discurso é de fazer-se inevitavelmente no meio do já-dito de outros discursos, perspectiva que se reencontra em análise do discurso, no qual o discurso é concebido e produzido no e pelo interdiscurso; por outro lado, o discurso não existe independente daquele a quem é endereçado, ou seja, os propósitos do destinatário são incorporados e determinam o processo de produção do discurso [...] (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 10)

Essa relação dialógica é fruto do interdiscurso, o espaço de troca entre os vários discursos pertencentes a uma mesma formação discursiva num processo constante de

reconfiguração. Nesse sentido, um discurso nunca seria autônomo, visto que ele remete sempre a discursos outros, e “suas condições de possibilidades semânticas se concretizam num espaço de trocas, mas jamais enquanto identidade fechada” (BRANDÃO, 1996, p. 73-74).

A heterogeneidade mostrada constitui-se pelas vozes marcadas, ou não, na superfície das matérias discursivas. Ela é caracterizada pela “manifestação explícita e localizável pelo analista, de uma multiplicidade de vozes citadas pelo autor empírico do texto, tendo em vista a realização de seus interesses comunicacionais” (PINTO, 1994, p. 18). O enunciador inscreve as palavras do outro em seu discurso, seja na forma do discurso indireto, relatado; ou na forma do discurso direto, através de aspas, itálico, citação, dois pontos.

É necessário aqui fazer uma distinção entre o autor empírico, que é aquele responsável pela produção física de um texto, e enunciador ou emissor, que é aquele representando pelo “eu”, isto é, aquele que se apresenta como responsável pelo enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, e nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes, mesmo que não se manifestem diretamente na superfície discursiva ali presente. A essas vozes, “se creditam as representações copresentes no enunciado, sem que lhes possa atribuir palavras precisas, e com as quais o emissor se identifica ou não, conforme seus interesses pragmático-argumentativos” (PINTO, 1994, p. 19).

Postulado da Economia Política do Significante

Segundo esse postulado, nada acede à condição do significante fora de um processo de comunicação/troca. “Todo objeto significante é produzido num dado contexto histórico, circula no meio social e é consumido, real e simbolicamente” (PINTO, 1994, p.16).

O sentido não é imanente às palavras ou aos objetos, ele é fruto das condições sócio-histórico-ideológicas nas quais ele foi produzido. Formas diferentes do dizer mudam o sentido daquilo que foi dito. Verón (2004) considera o que difere um enunciado de outro não é o dito, mas sim ao dizer e suas modalidades. Essas modalidades do dizer estão diretamente ligadas àquilo que o autor chama de

“dispositivo da enunciação”. Tal dispositivo comporta a imagem (ou lugar) daquele que fala e a relação com aquilo que ele diz; a imagem daquele a quem o discurso é dirigido, ou seja, o destinatário; e a relação enunciador/destinatário no e pelo discurso. Ao definir um lugar para si, produtor do discurso também está definindo o lugar do seu destinatário. O tempo e os lugares topológicos e sociais configuram o dizer.

Esse postulado pressupõe o funcionamento da língua semelhante ao de uma lógica de mercado, onde o enunciador configura seu dizer em função do seu destinatário, num processo de negociação, estabelecendo uma interrelação de expectativas que necessita ser alimentada. Assim, o sujeito articula seu discurso, modulando os efeitos de sentido com base no reconhecimento que faz de seu interlocutor.

Verón (2004, p. 218) afirma que todo suporte impresso possui seu dispositivo de enunciação, seja ele “coerente ou incoerente, estável ou instável, adaptado a seus leitores ou mais ou menos inadaptado”. Diante disso, Verón (2004) formula seu conceito de “contrato de leitura” – modo como o dispositivo é chamado no caso da imprensa escrita –, para designar as relações de produção, circulação e consumo dos discursos.

De acordo com o autor:

O conceito de contrato de leitura implica que o discurso de um suporte de imprensa seja um espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor; uma paisagem, de alguma forma, na qual o leitor pode escolher seu caminho com mais ou menos liberdade, onde há zonas nas quais ele corre o risco de se perder ou, ao contrário, que são perfeitamente sinalizadas. (VERÓN, 2004, p. 236)

A relação entre um meio e seus leitores que firma-se sobre esse contrato de leitura vai ter êxito a depender das expectativas, interesses e motivações do público, mas, principalmente, pelo funcionamento da enunciação. Cabe aqui destacar a importância do suporte, da disposição das imagens, da escolha de palavras, cores, diagramação, formato do material, como elementos constitutivos da produção de sentidos, onde o destinatário encontra um lugar de “cumplicidade” criado pelo compartilhamento de certos valores. O impresso cria, assim, uma imagem pela qual o leitor “aproxima-se ou se distancia, cria vínculos ou rejeita, motiva-se ou não a firmar seu contrato de leitura” (MAGALHÃES, 2003, p. 55).

O Postulado da Semiose Infinita

Todo o discurso, segundo Bakhtin (2006), dialoga constitutivamente com discursos outros. Para o autor, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Dialogismo é, cita Nascimento (2009, p. 35), a categoria que nos possibilita dizer “que um enunciado é impregnado dos dizeres de outros sujeitos, ou que um enunciado é sempre resultado do atravessamento de outros enunciados ou outros discursos”. Segundo Araújo (2000), o conceito de dialogismo engloba o processo da semiose infinita como condição de produção dos sentidos.

Para Pinto (1994), numa cultura, qualquer objeto, verbal ou não-verbal, é sempre dotado de sentidos, funcionando como ponto de cruzamento de diversas cadeias de interpretantes ou códigos. O Postulado da Semiose Infinita vai tratar das relações que os objetos significantes constroem uns com os outros nos processos discursivos, de forma a buscar o conhecimento anterior tanto para sua produção quanto para sua compreensão.

Segundo Pinto (1995, p. 144), esse postulado “baseia-se na dupla suposição de que toda produção de sentido é necessariamente social e de que todo fenômeno social é um processo de produção de sentido”. Ou seja, cada significante remete a outro de forma infinita, criando uma teia de relações. “Toda vez que se procuram significados, esbarram sempre em outros significantes, num processo de tradução que foi chamado de semiose infinita” (PINTO, 1994, p. 14).

Ao remeter-se a um objeto significativo, o enunciador aciona um conjunto de outros significantes que, por sua vez, remetem a outros, numa “rede semiótica sem fim”. Nesse processo, os discursos se atravessam e os sentidos dos objetos são então ressemantizados.

Vale ressaltar, como cita Magalhães (2003), que:

O sentido não é imanente aos objetos nem às palavras, é produzido nas práticas sociais de linguagem, na inter-relação dialógica entre sujeitos, em que cada interlocutor localiza-se e assume posições que lhe possibilitam pôr, interpor e sobrepor a sua fala, disputando os melhores lugares através de estratégias discursivas (MAGALHÃES, 2003, p. 48).

Assim, os efeitos de sentidos são resultados de produções discursivas que, diante de crenças, valores culturais, contexto sócio-histórico, entre outros fatores, adquirem novos sentidos. “Isto faz com que um determinado objeto significativo possa receber

sentidos contraditórios ou ressemantizar-se, conforme a direção em que sopram os ventos dos movimentos sociais” (PINTO, 1994, p. 15).

A Análise

Como já foi dito na introdução, nossa análise busca entender como os jornais diários O Dia e Meio Norte constroem sentidos referentes às imagens dos candidatos Silvio Mendes e Wilson Martins (os dois que obtiveram com o maior número de votos válidos), através de suas charges, nas eleições para governador do Estado em 2010. Diante disso, destacamos seis (06) charges referentes ao período do nosso recorte, que se estendeu de Junho a Novembro de 2010.

Segundo Flôres, (2002, p.10), “a charge constitui-se, em sua face visível, de uma amalgama de sentidos, de intenções, de crenças, permitindo-nos captar a dinâmica do encontro entre a população e os ‘dizeres e pensares’ coexistentes no seu entorno social.” Por isso, a charge é, por natureza, polêmica e a eficiência de sua leitura pressupõe um grau de conhecimento por parte daquele que a está lendo. Se as representações ali presentes não são informações partilhadas pelos seus leitores, a eficácia da mensagem pode se comprometer.

Sua temática versa os fatos ocorridos em uma época definida, dentro de um determinado contexto cultural, econômico e social específico e que depende do conhecimento desses fatores para ser entendida. Fora desse contexto, a charge provavelmente perderá seu entendimento. Assim, partimos para uma análise que se caracteriza por focar os processos de produção de sentido nos discursos como fruto de um contexto social no qual foram produzidos, circularam e foram consumidos. Na perspectiva em que a Análise de Discurso se situa, a “linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 1999, p. 25).

Verón (2004, p. 175) nos lembra que para cada personalidade, a mídia constrói uma imagem, “um conjunto de traços que, em virtude dessa construção, se convertem em índices de reconhecimento” desses personagens. É o que ele nomeou de retórica visual dos personagens. Assim, a mídia vai construindo e moldando, ante a opinião pública, a imagem dos seus representados através de um repertório de “situações” do

qual ela dispõe e que o fará “atuar” conforme a interpretação que se quer passar naquele instante. Vejamos as seguintes charges:

Jornal Meio Norte (JMN)

No dia 03 de Outubro de 2010, o candidato Wilson Martins (PSB) obteve 46% dos votos válidos, contra 30% de Sílvio Mendes (PSDB), levando a disputa para o segundo turno, que foi realizada no dia 31 de Outubro. As charges veiculadas pelo Jornal Meio Norte constroem-se em torno da ideia de confronto, disputa, aqui representadas dialogicamente pelo ringue e com os candidatos vestidos como pugilistas.



Figura 1 – JMN – 26/08/10 – Moisés Barros

A primeira charge (Figura 1 – JMN – 26/08/10) refere-se ainda ao primeiro turno da eleição. Nela, o candidato Sílvio Mendes combina com o candidato João Vicente Claudino o seguinte: “Quem não passar pro 2º turno, ajuda o outro a derrotar o candidato do governo”. Logo atrás, percebe-se o candidato Wilson Martins – com a face descontente – dentro do ringue, aguardando. Wilson Martins, que mantinha o primeiro lugar nas pesquisas, já estava preparado para disputar as eleições, enquanto os outros dois candidatos, ainda indefinidos na disputa, combinavam o apoio político. O sentido

de confronto criado pelo ringue e os trajés ganha força junto ao operador discursivo verbal “derrotar”, que também é sinônimo de vencer, abater, bater, comumente usados no boxe.

Percebe-se as marcas da heterogeneidade na representação do confronto político que dialoga com o universo do boxe, trazendo elementos tradicionais no esporte, como a saudação de luvas entre Silvio Mendes e João Vicente, representando o apoio político, reiterando a frase no balão de fala. Deste modo, os objetos significantes são então incorporados ao discurso da charge, produzindo novos sentidos.

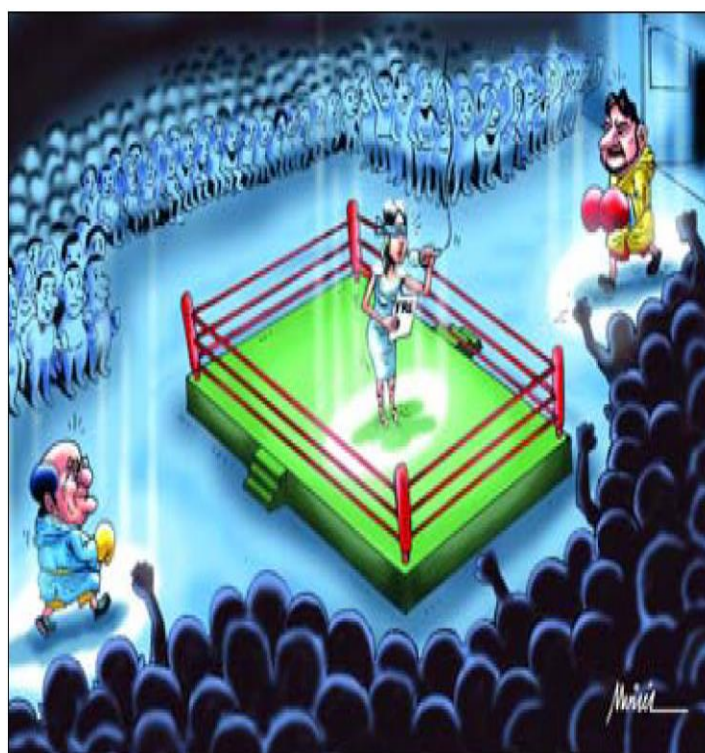


Figura 2 – JMN – 31/09/10 – Moisés Barros

A segunda charge (Figura 2 – JMN – 31/09/10) é correspondente ao dia da eleição. Wilson Martins e Silvio Mendes, que vem de lados opostos na direção do ringue, local figurativo que representa a disputa eleitoral, são anunciados pela figura da justiça – representada na figura da mulher vestida de branco e de venda nos olhos – segurando o papel com o único operador discursivo verbal que aparece na imagem, a sigla “TRE”. A sigla do Tribunal Regional do Estado e a imagem da Justiça como juíza do confronto retoma o sentido da eleição. As cores dos uniformes dos candidatos também dialogam com as cores dos seus partidos: Silvio Mendes, com o azul e amarelo do PSDB e Wilson Martins, com o vermelho e amarelo do PSB.

A presença do ringue, o grande salão, o público (eleitores) e os personagens vestidos de boxeadores, tratam de uma metáfora para representar a disputa eleitoral. Percebe-se como os objetos significantes constroem relações uns com os outros nos processos discursivos, retomando o conhecimento anterior para sua compreensão dos sentidos desejados. Assim, a charge cria, junto ao leitor, a ideia de que o confronto (a disputa eleitoral) vai ocorrer de forma limpa e justa, já que a figura imparcial Justiça encontra-se ali para mediar o embate. Deste modo, o vitorioso se consagrará como tal por esforço próprio, afinal, Justiça não permitirá trapaças.



Figura 3 – JMN – 01/11/10 – Moisés Barros

A última charge (Figura 3 – JMN – 01/11/10) é do dia seguinte à eleição, e mostra o resultado do confronto. Wilson Martins é apresentado como o vitorioso da luta – eleição – desembargador Raimundo Eufrásio, na figura de juiz, que aparece como forma de legitimar a disputa. Os curativos e o olho roxo de Wilson (com 58,92% dos votos válidos) produzem o sentido de que a vitória sobre o Silvio Mendes (com 41,08% dos votos válidos), não foi fácil.

Nas três charges apresentadas, recorreu-se tanto às práticas discursivas jornalísticas, quanto as esportivas e políticas para produzir sentidos, constituindo-se como um discurso de subjetividade bastante heterogênea.

Jornal O Dia (JOD)

As charges dispostas abaixo foram veiculadas pelo jornal O DIA durante o mês de Outubro, referentes à campanha eleitoral para governador do Estado. Nota-se a construção da imagem dos candidatos em situações atípicas e que geram o efeito cômico. Nas charges destacadas, um elemento figurativo muito visto em época de eleição no Piauí se faz presente: a figura da porca. Quanto a isso, Nascimento (2009) cita que é comum o uso de elementos icônicos que acionem o universo cultural popular na representação das figuras políticas. Segundo a autora “em geral, esses elementos perdem seu valor referencial e evocam sentidos mobilizados a partir de estereótipos” (NASCIMENTO, 2009, p. 93).

A figura da porca, cita Magalhães (2006), é um fenômeno tipicamente piauiense. Segundo ele, a porca devora o político derrotado como promessa de sua purgação e tudo.

Neste sentido, não cabe a quem é motivo da gozação se zangar ou retrucar, pois tudo está previsto nas regras do rito. Ao mesmo tempo, a porca funciona como narrativa alegórica que reproduz a imagem do senso comum, à medida que come o candidato derrotado, que é um rejeito da eleição, aquilo que a sociedade não consome. Esta é a imagem da porca ou do porco, se quisermos; aquele que come as sobras, os rejeitos da mesa. Em contraponto, a porca é também um fascínio porque não come o vitorioso, mas oferece a ele suas tetas e, conseqüentemente, sua cama no lamaçal (MAGALHÃES, 2006, p. 14).

Para o eleitor, a figura da porca em época de eleição representa o riso, o humor, o deboche. Para o candidato, esta figura representa uma ameaça, ser devorado pela porca significa perder a eleição, o que cria a uma situação de constrangimento.

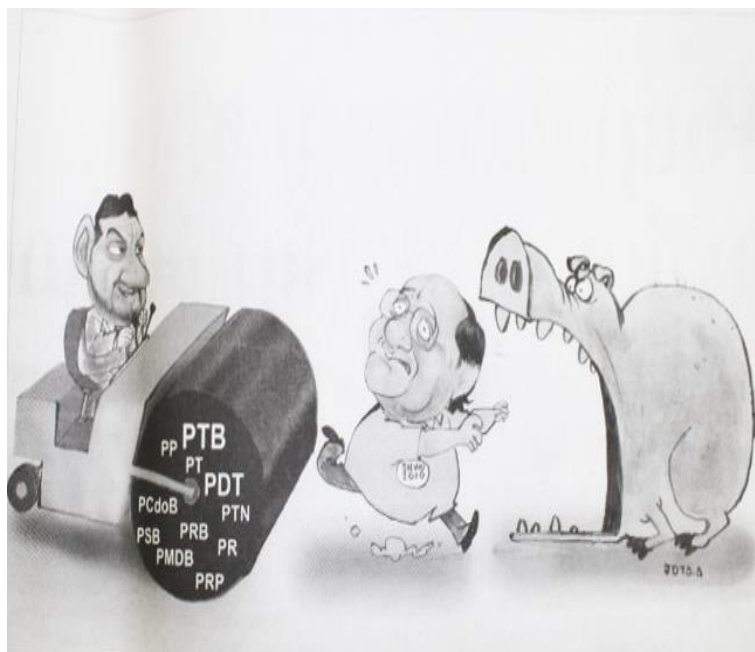


Figura 4 – JOD – 07/10/10 – Jota. A Costa

A primeira charge (Figura 4 – JOD – 07/10/10) apresenta o candidato Silvio Mendes fugindo do rolo compressor dirigido pelo candidato Wilson Martins, sem perceber que se dirige para a boca da porca. Os operadores discursivos verbais dessa imagem concentram-se no rolo do veículo: são as siglas dos partidos políticos que apoiaram a eleição de Wilson Martins no segundo turno, representando a força que se soma à sua candidatura e o torna capaz de esmagar a oposição. O rolo compressor também dialoga com as obras prometidas por Wilson Martins.

Durante sua campanha, Silvio Mendes usou da propaganda eleitoral para criar uma imagem de traidores em João Claudino (PTB), Ciro Nogueira (PP) e Elmano Férrer (PTB), dos quais contava com o apoio. Contudo, o apoio esperado foi para seu rival, Wilson Martins.

Com isso, percebe-se que Silvio Mendes, que volta sua atenção para o bloco partidário, tira o olhar do caminho que o leva em direção à sua derrota, representada pela figura da porca. Assim, com seu forte apoio partidário e montado em suas propostas de campanha, Wilson Martins tenta esmagar seu adversário político, que segue em direção à derrota, fato que vai se consolidando à medida que Silvio Mendes usa do horário eleitoral para atacar os partidos do qual esperava e não obteve apoio.



Figura 5 – JOD – 10/10/10 – Jota. A Costa

A segunda charge (Figura 5 – JOD – 10/10/10) produz humor através da representação do personagem em uma situação de constrangimento. Para fugir da porca, Silvio Mendes busca abrigo em cima de uma árvore. Para além da figura da porca – que representa a derrota nas eleições –, e a figura do candidato, outro operador discursivo não-verbal aparece na charge: a árvore na qual o Silvio Mendes se refugia. Neste contexto, a árvore dialogicamente está representando o Partido Verde, muito ligado às questões ambientais. Esse sentido ganha força junto ao operador discursivo verbal “PV”, que é a sigla do partido. Assim, em sua natureza heterogênea, a charge apresenta ao leitor um Silvio Mendes desesperado, tentando “agarrar-se” no apoio político do Partido Verde como forma de evitar a derrota.

Vale mencionar que nas duas primeiras charges do jornal O Dia, Wilson Martins e Silvio Mendes são representados, não como pessoas normais, mas como figuras políticas que disputam uma eleição. Isso acontece por meio dos operadores discursivos presentes nas três imagens: os bottons “WILSON 2010” e “SILVIO 2010”. Isso permite contextualizá-los e representá-los no papel de candidatos.



Figura 6 – JOD – 01/11/10 – Jota. A Costa

A última charge da nossa análise aparece na edição seguinte ao dia da eleição. Nenhum candidato aparece, apenas a porca de barriga cheia e expressão de satisfação no rosto, e algumas penas espalhadas pelo chão. Nesse caso, assim como a representação da porca, “trata-se de uma associação que mobiliza elementos tirados do reservatório das estereotipias visuais da cultura” (NASCIMENTO, 2009, p. 93). Assim, as penas remetem à imagem do tucano, associado à sigla do PSDB, partido do candidato Silvio Mendes.

Nascimento (2009) ainda afirma que nessas associações de figuras, os sentidos são construídos nas relações que os indivíduos têm com os textos, com a cultura, pois precisam partilhar da memória que gira em torno desses elementos. O não-partilhamento dessa memória acarreta no seu não entendimento. Assim, pelos elementos que compõe a charge, é possível afirmar que o candidato Wilson Martins derrotou o candidato Silvio Mendes nas eleições para o cargo de governador do Estado em 2010.

Considerações finais

A charge possui uma temática que foca no cotidiano, inserindo-se numa época definida, num determinado contexto cultural, econômico e social, dependendo do conhecimento desses fatores para seu entendimento. Ela é heterogênea por natureza, visto que na sua constituição, a charge apropria-se de elementos outros,

ressemantizando-os, atribuindo novos sentidos, criando novas possibilidades e ângulos de se enxergar determinados fatos.

Nas charges analisadas do jornal Meio Norte, a disputa eleitoral é retratada metaforicamente como uma competição esportiva. O período de campanha é apresentado como o momento de preparação ou o desenrolar da prática esportiva, tendo fim com a coroação do vencedor, aquele que alcançar o primeiro lugar, ou seja, o cargo de governador. Assim, tal qual no esporte, vence quem tiver o melhor preparo, a melhor estratégia, a maior força. Desta forma, o vencedor justifica-se como tal por mérito próprio, pelo seu suor, pelo seu esforço.

As charges, no contexto dos veículos de imprensa tem o papel não apenas de entreter pelo uso do humor e informar, tratando de acontecimentos jornalísticos, em especial, as charges em períodos eleitorais e de conteúdo político tem também o seu aspecto da defesa de pontos de vista de adesão a este ou aquele candidato/partido.

Por sua vez, as charges do jornal O Dia focam em episódio específicos, mas que compõe o percurso de campanha dos candidatos. Wilson Martins é representado como o candidato forte, ao passo que Silvio Mendes está sempre se esforçando para superá-lo e, assim, evitar ser “comido pela porca”. Por meio de processos dialógicos de retomada e efeitos de metáfora, criam-se situações atípicas, constrangedoras, nas quais os candidatos protagonizam. O uso figurativo da imagem da porca, tão presente nas eleições do Estado, aparece frequentemente nas charges. A porca, ansiosa por “devorar” os candidatos derrotados, produz o efeito cômico por meio do escárnio, onde se ri da infelicidade do outro, o derrotado.

Assim, conclui-se que o processo dialógico é fundamental para que os sentidos brotem. Tanto num jornal, quanto no outro, há ênfase no aspecto da economia política do significante, quer seja pela representação da competição, quer seja pelo humor carnavalizado da porca. No processo de evocação dos significantes por novos significantes, nessa “rede semiótica sem fim”, os discursos se atravessam e os sentidos dos objetos são então re-atualizados, circulam no meio social e são consumidos dentro de um determinado contexto histórico. A criação de novos sentidos se dá pelos processos de reconstrução, retomada e atualização pode acontecer através de operadores

discursivos, estereótipos, de cenas, imagens e representações que fazem da cultural e da memória dos interlocutores.

Referências

ARAÚJO, I. *A reconversão do olhar: prática discursiva e produção dos sentidos na intervenção social*. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

AUTHIER-REVUZ, J. *Dialogismo e divulgação científica*. In Rua: revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, Campinas. n. 5, mar. 1999.

_____. *Heterogeneidade(s) enunciativa(a)*. Cadernos de Estudos de Linguística, Campinas, n. 19, p.25-42, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNIVAMP, 1996.

FLÔRES, O. *A leitura da charge*. Canoas: Ulbra, 2002.

MAGALHÃES, L. “A carnavalização nos ritos culturais populares no Piauí”. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB*. Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006.

_____. *Veja, isto é, leia: produção e disputas de sentido na mídia*. Teresina: EDUFPI, 2003.

NASCIMENTO, V. L. do. *Efeitos de sentidos em charges dos jornais piauienses: as candidaturas de Sílvio Mendes e Nazareno Fonteles na eleição de 2008*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PINTO, M. J. *As marcas linguísticas da enunciação: Esboço de uma gramática enunciativa do Português*. Rio de Janeiro: Numen, 1994.

_____. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hackers Editores, 1999.

VERÓN, E. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unissinos, 2004.

Charges

BARROS, Moisés. *Jornal Meio Norte*. Teresina, 26 ago. 2010, p. 2. Charge.

BARROS, Moisés. *Jornal Meio Norte*. Teresina, 31 set. 2010, p. 2. Charge.

BARROS, Moisés. *Jornal Meio Norte*. Teresina, 01 nov. 2010, p. 2. Charge.

COSTA, Jota. A. *Jornal O Dia*. Teresina, 07 out. 2010, p. A6. Charge.

COSTA, Jota. A. *Jornal O Dia*. Teresina, 10 out. 2010, p. A6. Charge.

COSTA, Jota. A. *Jornal O Dia*. Teresina, 01 nov. 2010, p. A6. Charge.